Capítulo XIII — União do homem com o novo Adão; seus meios

A admirável economia do cristianismo que acabamos de esboçar foi o objeto particular das conversas do Salvador com seus Apóstolos durante os quarenta dias que se passaram entre sua Ressurreição e sua Ascensão. Foi então que lhes deu a inteligência das Escrituras e os instruiu a fundo nos segredos do reino de Deus[1]; eis por que situamos nessa época a explicação detalhada de toda a sua doutrina.

O Salvador não se contentou em dizer em geral: *«o que porém não crer, será condenado»*; entrando em pormenores, ensinou a seus Apóstolos todas as verdades que deviam pregar ao mundo e que o homem devia crer para unir-se a seu Redentor, a fim de participar do benefício da redenção. Os Apóstolos compuseram delas um resumo.

É aqui que, depois de mostrar a necessidade da fé, explicamos o Símbolo católico, sublime resumo de todas as verdades fundamentais da religião e da filosofia humana.

Deus uno em natureza, três em pessoas: o Pai e a obra da criação e o governo do mundo; o Filho e a obra da redenção; o Espírito Santo e a obra da santificação; por conseguinte, a Igreja com seus Sacramentos, suas prescrições salutares, sua magnífica hierarquia e sua imortal constituição;

O homem, composto misterioso de dupla substância; o homem, criado inocente e bom, degradado por sua culpa, submetido a uma prova de reabilitação, cercado de todos os meios de reconquistar, com novas vantagens, sua perfeição primitiva, e obrigado a prestar contas, quando sua prova estiver finda, do uso que dela tiver feito: felicidade ou infelicidade sem vicissitude e sem fim, alternativa inevitável que o espera após o juízo divino;

O mundo, criado por Deus, regido pelas leis de uma providência universal e destinado a passar pelo fogo no dia marcado por aquele que o tirou do nada.

Eis, em poucas palavras, o que o Símbolo católico nos revela sobre tudo o que pode ser objeto de nossos conhecimentos: Deus, o homem e o mundo.

Para compreender-lhe a sublime simplicidade, comparai-o aos símbolos das mil seitas que apareceram sucessivamente sobre a terra. Notai sobretudo, o que não se notou bastante, como cada um de seus artigos reduz a pó uma ou várias das teorias absurdas sonhadas pelos filósofos

pagãos sobre Deus, o homem e o mundo, e renovadas com tão pouca vergonha pelos ímpios modernos. Cada palavra é um traço de luz que dissipa uma parte das trevas de que a razão do homem estava envolta desde a queda original, e a reunião de todos esses raios diversos forma o sol da verdade, diante do qual todas as trevas desaparecem como as sombras da noite diante do astro do dia.

Que se examine o Símbolo católico com imparcialidade e que se diga se é possível achar algo de mais completo, de mais venerável, de mais útil, de mais consolador.

Povos modernos, tão orgulhosos de nossos conhecimentos, é ao Símbolo católico, saibamo-lo bem, que devemos nossa superioridade intelectual sobre as nações pagãs de outrora e de hoje; é a ele que devemos a libertação dos erros grosseiros, das superstições infames que degradavam o senado e o areópago. É ele que, ao dogma desesperador do cego destino e da inexorável fatalidade, substituiu a doce crença numa Providência universal que rege o mundo e vela sobre o homem como o próprio homem vela sobre a menina de seus olhos. Que se diga agora se os dogmas cristãos são inúteis ou contrários à razão!

Sendo o Símbolo a verdade, segue-se que a inteligência que o recebe, que o guarda, recebe algo de Deus[2]. Os pensamentos divinos do novo Adão substituem nossos pensamentos humanos, falsos, incompletos, triste herança do primeiro Adão. Assim se opera nossa união, ou antes, nossa transformação intelectual ao Redentor. Sob esse primeiro aspecto, cada crente pode dizer: Já não sou eu, eu filho do velho Adão, quem vive; é Jesus Cristo que vive em mim.

Acabamos de ver: magníficas são as operações da fé na inteligência. Antecipando-se ao futuro, essa mensageira da eternidade traz ao peregrino do tempo a substância das realidades futuras[3]; abre a seus olhares novos céus e uma nova terra; mostra-lhe em Deus não mais apenas o autor da natureza, mas seu Pai, seu Redentor e seu Fim; desvenda-lhe a ele mesmo sua origem e seus destinos; traça-lhe o caminho e, com sua força todo-poderosa, sustenta-o até o termo da viagem. Elevada por ela a um novo ser, a inteligência já não tem que desejar senão a clara visão das verdades de que está de posse[4].

Entretanto, pela fé, nossa união com o novo Adão não é completa: cabe à esperança aperfeiçoá-la. Com efeito, o homem não é só inteligência, é também vontade; por conseguinte, sob pena de ser não um benefício, mas um tormento pavoroso, essas realidades futuras, esses bens do mundo sobrenatural não podem permanecer objeto de uma contemplação ociosa, assim como o rico tesouro liberalmente oferecido às mãos do avarento, ou o alimento aos olhares ávidos do esfomeado. É preciso que sejam acessíveis à vontade: é o benefício da esperança.

Nos contratos entre os homens dão-se arras, que são o penhor e como as primícias do próprio objeto; assim, na religião, esse contrato sublime entre Deus e o homem, a esperança nos dá a substância e o germe dos bens futuros. Elevando a vontade acima dos bens passageiros da vida, coloca Deus, e os novos céus, e a nova terra da eternidade, e os meios de adquiri-los à frente de todas as suas tendências, de todos os seus empreendimentos, de todos os seus movimentos[5]. Rainha cheia de imortalidade, enobrece todos os desejos do homem, sustenta-o em suas lutas incessantes, consola suas dores, inflama sua alma. Carro de fogo de Elias, transporta-nos ao mais alto dos ares, arranca-nos a nós mesmos e nos mantém suspensos entre o céu e a terra, entre o

tempo e a eternidade. Assim, a esperança diviniza nossa vontade, dando-lhe um objeto divino e tendências divinas. Sob esse novo aspecto, o cristão pode dizer: Já não sou eu, eu filho do velho Adão, quem vive; é Jesus Cristo que vive em mim.

Ora, entre os meios de possuir os bens futuros que a esperança oferece à ambição do homem esclarecido pela fé, há um que encerra todos os outros: é a graça, a graça tão perfeitamente definida: o começo da glória em nós[6]. Mas, por suas forças naturais, o homem, como mostramos, não poderia chegar à glória nem à tríplice união com o novo Adão, que sozinho pode conduzir a ela. Isso é verdade do homem antes de sua revolta, pois o estado em que foi criado era sobrenatural; com mais forte razão, a graça lhe é necessária depois do enfraquecimento e da quebra de suas forças pela queda original[7].

Ora, a graça, esse socorro poderoso, universal, concedido em vista dos méritos do novo Adão, obtém-se por dois grandes meios: a oração e os sacramentos.

Potência misteriosa que aproxima a criatura do Criador, a oração é uma condição indispensável da união sobrenatural do homem com Deus. Daí, entre todos os povos, a perpetuidade ininterrupta da oração desde a origem do mundo. Daí esse preceito pelo qual o novo Adão formula a necessidade desse ato fundamental da religião: «*importa orar sempre, e não cessar de o fazer*»; preceito ao mesmo tempo positivo e negativo, que obriga, por conseguinte, semper et pro semper, segundo a expressão da teologia católica; verdade tão palpável quanto esta: Para viver é preciso respirar sempre e nunca cessar.

Vê-se que tomamos aqui a oração em sua acepção mais geral[8]. Por isso dizemos que é a alma e a vida do cristianismo.

A essa noção sucede a da oração propriamente dita. Santo Agostinho, com seu coração tão amante, seu gênio tão elevado e seu espírito tão penetrante, junta-se a Tertuliano, a São Cipriano, ao angélico São Tomás para explicar em nosso Catecismo a mais bela das orações, a Oração dominical.

Resumo do Evangelho, luz do espírito, consolação do coração, joia da Igreja, tesouro do mundo, requerimento divino de um jurisconsulto divino[9], o Pai-Nosso é tudo isso. Mil vezes recitastes essa oração; uma só vez a admirastes? Lede os oradores, os filósofos, os poetas de todos os países e de todos os séculos: que homem conheceu jamais, para falar a Deus, uma tal linguagem? Jamais tantas coisas em tão poucas palavras, jamais palavras tão simples exprimiram coisas tão sublimes. O Deus que ditou essa inimitável oração nela se revela inteiro, e o homem que a recita também nela se revela inteiro: Deus com a terna solicitude de um pai, o homem com a livre confiança de um filho; Deus com seus benefícios no presente e suas magnificências prometidas para o futuro, o homem com as necessidades do exílio e as esperanças da pátria; a religião e a vida social com suas verdadeiras leis; a vida natural e a vida sobrenatural com suas maravilhosas harmonias. Enfim, por um prodígio bem digno do Deus que veio para salvar todos os homens, enquanto essa oração necessária arrebata a admiração dos mais belos gênios e oferece ao filósofo o texto inesgotável das considerações mais profundas, a criancinha, o bárbaro, o próprio selvagem a aprendem sem esforço, e todos a compreendem com a dupla inteligência do espírito e do coração.

Notas

[1] At 1, 3. — Tal é também o sentimento de São Leão: «Non ergo ii dies qui inter Resurrectionem Domini Ascensionemque fluxerunt, otioso transiere decursu, sed magna in his confirmata sacramenta, magna sunt revelata mysteria.» — Serm. I, de Ascens.

[2] Lex tua veritas. — Sl 142. — Non minus est verbum Dei quam corpus Christi. — Santo Agostinho, in Gen.

[3] Est autem fides sperandarum substantia rerum, argumentum non apparentium. — Hb 11, 1. São Tomás explica assim essas palavras: Res sperandæ sunt sicut arbor in semine virtute latens, ac per fidem quodammodo jam existunt in nobis. — Ver também Corn. a Lapid., in Epist. ad Hebr., c. XI, 1.

[4] Participes enim Christi effecti sumus, si tamen initium substantiæ ejus retineamus. — Id. c. III, 14. — Initium substantiæ vocat fidem, per quam primo cœpimus quasi subsistere in spirituali et divina, factique sumus divinæ consortes naturæ. — Corn. a Lapid., in Hebr. c. III, 14.

[5] Merito apostolus fidem sperandarum rerum substantiam esse definit, quod videlicet non credita nemo sperare plus quam super inane pingere possit. Dicit ergo fides : Parata sunt magna et inexcogitabilia bona a Deo fidelibus suis. Dicit spes : Mihi illa servantur. Nam tertia quidem charitas : Curro, mihi ait, ad illa. — S. Bernardo, Serm. 1, in Ps. 90.

[6] Gratia nihil aliud est quam quædam inchoatio gloriæ in nobis. — S. Th., p. 2, q. IV, art. III, ad 2.

[7] Dicendum quod homo post peccatum ad plura indiget gratia quam ante peccatum, sed non magis ; quia homo etiam ante peccatum indigebat gratia ad vitam æternam consequendam, quæ est principalis necessitas gratiæ. Sed homo post peccatum super hoc indiget gratia, etiam ad peccati remissionem, et infirmitatis sustentationem. — D. Th., Summ., p. 1, q. 95, art. 4, ad 1. — Quia et divina gratia Dei sit et largitio quodammodo ipsius divinitatis. — Cassiano, de Incarn. Chr., l. III, c. 6. — Sic igitur per hoc quod dicitur homo gratiam Dei habere, significatur quiddam supernaturale in homine a Deo proveniens. — S. Th., Summ., p. 1, q. 110, art. 1.

[8] «Orar sempre, diz Santo Agostinho, é procurar sempre agradar a Deus.»

[9] Regula postulandi fidelibus a cœlesti jurisperito data. — Santo Agostinho, Enarr. in Ps CXLII.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:20 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:20 by Admin